EDUCAÇÃO DOS, PARA E PELOS TRABALHADORES: O JORNAL OPERÁRIO “O NOSSO VERBO” COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR (1918-1921)

Francisco Furtado Gomes Riet Vargas¹

Resumo: Neste trabalho apresentamos a análise do jornal operário “O Nosso Verbo” para o entendimento do pensamento e da ação dos anarquistas no campo da educação. Para tal intento recorre-se autores que analisaram a imprensa operária como Tânia Luca, Jorge Jardim e Eliana Xerri. Ainda, com aportes em Silvio Gallo, proponho uma discussão sobre o pensamento anarquista no que educação. Realizamos uma análise sobre a materialidade deste jornal e seu conteúdo, de forma a contextualizá-lo. Objetivamos apresentar a riqueza deste órgão, que circulou na cidade de Rio Grande/RS entre 1919 e 1921, para o estudo da História da Educação Libertária, suas particularidades e generalidades.

Palavras chave: Educação Libertária, História, Anarquismo.

Escrevemos este texto com a intenção de mostrar uma fonte onde é possível encontrar-se os debates da História da Educação Popular, mais especificamente a Educação Libertária, na cidade do Rio Grande, no Rio Grande do Sul durante a Primeira República (1889-1930). Entendemos educação popular, conforme diz o título, a educação de, para e pelos trabalhadores. Por isso daremos ênfase as discussões constantes pelos trabalhadores acerca do tema.

Neste sentido, nos propomos a mostrar uma das fontes para um estudo da História Social da Educação, entendendo essa como uma História das classes e de seus pensamentos (BARROS, 2005, p.97), mais especificamente uma História da Idéias e Movimentos Pedagógicos. Dessa forma, essa História Social da Educação congrega também elementos da História Cultural e Política, ao trabalhar com formação de consciência de classe. A História Política que nos apoiamos é a do

¹ Mestrando em Educação pela UFPel, orientando do prof. Dr. Elomar Tambara e membro do Centro de Estudos e Investigação em História da Educação (CEHIE). E-mail: chicaov@yahoo.com.br e chicaov@gmail.com

pensamento e das ações políticas de classe, do pensamento, sobre as construções que levam os homens e mulheres a acreditar em algo, “pautando a ação e a percepção da realidade” (PESAVENTO, 2004, p.75). Sendo assim, não nos limitamos a uma análise tradicional, apenas observando a educação libertária sobre um viés político e institucional (GALVÃO, 2001, p.51), buscamos também observar o cotidiano e a aplicação prática das idéias anarquistas na educação através desse periódico. Além de fazer apenas uma História do ensino, buscamos a História da leitura desses operários e seus filhos, observando esse jornal como parte do seu cotidiano e como um de seus porta-vozes, mostrando seus anseios e frustrações com a sua própria educação bem como de suas crianças.

Consideramos que o termo mais apropriado do que buscamos é a *educação em amplo sentido*, onde focamos não só na educação escolar proposta pelos anarquistas, mas também na suas atuações para a formação de uma consciência de classe libertária na cidade do Rio Grande. Dessa forma compreendemos por educação em amplo sentido, para esse trabalho, todo o processo que aponte um acréscimo na formação de um ser humano, uma extensão compreensão da realidade e maior capacidade de se situar no mundo para transformá-lo. Assim sendo, ponderamos como parte de um processo educativo não só a formalidade da sala de aula, mas também processos informais de educação como a leitura, as discussões políticas ocorridas nos vários espaços sociais, peças de teatro que levam o indivíduo a refletir o seu universo e o seu aprendizado que se tem no cotidiano das lides, entre outros (GALLO, 1995b, p.67-68; GALLO; MORAES, 2005, p.89).

Cabe ressaltarmos que os estudos sobre educação libertária no Rio Grande do Sul são escassos e suas fontes pouco trabalhadas. Porém existem alguns estudos como os de Norma Corrêa, sobre educação libertária no Rio Grande do Sul merecem uma atenção mais especial devido à sua análise sobre o funcionamento das escolas libertárias no Rio Grande do Sul. Porém, tal obra se autocritica na sua análise sobre Rio Grande, tendo em vista a autora não ter estudado o período de hegemonia libertária, conforme ela seria nas primeiras décadas do século XX (CORRÊA, 1987, p.128). Porém, conforme Beatriz Loner, esse período hegemônico libertário acontece na Sociedade União Operária após 1924 (LONER, 1999, p. 215-219). Norma Corrêa ainda não encontrou os principais periódicos libertários de Rio

Grande, os jornais *O Nosso Verbo* e *Cultura Proletária*, e o *Centro de Cultura Racional Veritas* (de orientação ácrata). Ainda destacamos um artigo de nossa autoria, propondo uma introdução para o estudo da educação libertária em Rio Grande, que está publicada na Revista Didática Sistêmica da FURG (2007).

Justificamos este estudo no fato de que cabe à História da Educação no Rio Grande do Sul aumentar sua colaboração para essa discussão, ampliando o estudo da educação libertária para além da capital do Estado. Citando Elomar Tambara, é importante “resgatar o perigo potencial que os projetos populares acarretavam aos interesses da classe dominante” (1995, p. 395).

Portanto, será importante para esse estudo a produção intelectual desses trabalhadores sobre educação, encontrando-se na imprensa uma das principais fontes para essa reflexão, evidenciaremos o jornal *O Nosso Verbo* (NV). Cabe acrescentar que esse jornal não é a única fonte para uma História da Educação Popular de Rio Grande, também existindo outras fontes como as atas da *Sociedade União Operária* e os jornais *O Echo Operário* e *Cultura Proletária*.

Desde já esclareço que não temos a pretensão de esgotar a contenda, mas sim de contribuir para a História da Educação. Para tanto nos apoiaremos em uma leitura crítica da fonte, colocando possibilidades e limitações.

Produção dos Trabalhadores, uma produção ideológica

Sim, afirmamos que a produção dos trabalhadores é sim uma produção ideológica, assim como toda produção humana, inclusive a própria historiografia, conforme afirmam Michel de Certeau (1982, 70) entre outros teóricos. Não entendemos ideologia dentro do que Silvio Gallo coloca como *concepção clássica marxista*, isso é, como falseamento da realidade (GALLO, 1995a, 65), mas sim como uma maneira de ver o mundo, uma cosmovisão.

Este discurso ideológico produzido sobre a educação em um dado espaço de tempo é o tema da nossa abordagem. Não só o discurso em si, mas sim como eles chegaram até nós, o que levou a serem conservados frente a outros discursos que não tiveram a mesma sorte.

Nesse sentido destacamos a produção dos trabalhadores, não de forma individual, mas sempre agregados a alguma associação operária. Para tanto observamos os discursos reproduzidos em seus impressos para o público.

Aqui já se faz importante discutir a diferenciação da intencionalidade dos registros. Os discursos dos apontamentos das reuniões das associações operárias e de suas atividades têm a função de prestação de contas para com os seus sócios.

Já os jornais operários têm, conforme coloca Eliana Xerri, um caráter doutrinador (1996, p. 91), o que é assumido pelo informativo aqui estudado, contendo no seu número 14 uma coluna denominada “Doutrinando” (05/01/1921, p. 1). Mesmo assim, em alguns momentos também trazem matérias informativas. Mas, tais fontes se mostram bastantes reveladoras no que tange ao pensamento pedagógico e ao que se quer transmitir aos trabalhadores. As referidas questões serão demonstradas mais especificamente nos momentos seguintes do artigo.

Portanto nos perguntaremos: Quais as prioridades de registros que encontramos em tais fontes? Quais as intenções dos registros?

A Imprensa Operária

Concordarmos com Jorge Jardim, que não só os periódicos operários e partidários estão no âmbito ideológico, mas também a grande imprensa, dita isenta, “não supera a posição de classe de outros órgãos de imprensa” (JARDIM, 1996, p.29). Como já foi colocado, a imprensa operária, tem uma orientação que vai além da informação, e passa mais para a formação de seus leitores. Está claro que a imprensa operária não é apenas um veículo entre sindicatos e trabalhadores, mas sim “uma instituição do movimento operário” (SILVA JÚNIOR, 1995, p.46).

Grifamos que o jornal operário não é apenas uma fonte para averiguarmos as ações educativas do operariado, mas sim, ele por si só, é um meio formador, uma forma de educação em amplo sentido. Desde já explicitamos que o jornal que aqui será estudado, o jornal O Nosso Verbo, não se diferencia em nada dessas prerrogativas.

O Nosso Verbo

Aqui destacamos que o jornal O Nosso Verbo tem tamanho aproximado ao papel carta, com variações nesse tamanho. É impresso em papel jornal, tendo poucos gráficos. Adiciona-se a isso que a quantidade de páginas deste informativo é inconstante, variando de duas (NV, 9/5/1919; 08/5/1921) a seis páginas (24/11/1920; 01/5/1921). Porém a maior parte das edições às quais tivemos acesso possuem quatro páginas. O referido jornal foi produzido na cidade do Rio Grande, no período aproximado de 1919 a 1921. Sua periodicidade era incerta, apesar de que em seu 6^o exemplar, após sua ausência por três meses, se propôs ser um informativo quinzenal (NV, 12/01/1920, p. 1), ainda se indicando como tal no seu 23^o número (19/5/1921, p.4). Porém comprovamos não se efetivar com constância, tendo em vista que, entre os dois exemplares supracitados, o segundo deveria estar no 38^o exemplar caso se mantivesse essa temporalidade. Entretanto, afirmamos que em curtos espaços de tempo ele se mantenha quinzenal, considerando algumas seqüências que conhecemos dessa série incompleta, como do número 21 ao 24. Mas nem todos os exemplares deste boletim foram encontrados.

Os exemplares encontrados estão em sua maioria na Biblioteca Riograndense, em Rio Grande/RS, e em menor quantidade no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual de São Paulo, em São Paulo/SP. O impresso referido não sai do padrão dos demais jornais operários como “folhas sem periodicidade ou número de páginas definidas, feitas por não profissionais, mas por militantes (...), impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis” (LUCA, 2005, p. 119).

A conservação de tal acervo é uma sorte, tendo claro que o Brasil passou por duas ditaduras em que se sabe que eram eliminados tudo que representasse uma ameaça eminente, mesmo que de maneira remota, ao governo vigente². Contudo, destacamos a intencionalidade de alguns militantes brasileiros em conservar esses arquivos, concomitantemente foi criado o Archivio Storico del Movimento Operaio

² Nos referimos a Ditadura de Getúlio Vargas da dec. de 1930 e a Ditadura Militar de 1964-1989. Frisamos os inúmeros anarquistas perseguidos durante essas ditaduras, dos quais destacaremos dois. Frederico Kniestedt (1874-1947) foi preso diversas vezes durante o governo de Vargas (MARÇAL, 1995, p.93). Outro exemplo é Venâncio Pastorini Sobrinho (1885-1966), que foi preso durante o Golpe de 1964 (Ibidem, p.138).

Brasiliiano³, na década de 1970, para o qual eram doados arquivos desses militantes e outros documentos que eram enviados do Brasil para o exterior, com o intuito de evitar que esses se perdessem. Para tanto, foi cedido em Milão um espaço físico para a estadia desses documentos na Europa. “Após 17 anos no exílio o acervo retorna ao Brasil passando a ser propriedade do Instituto Astrojildo Pereira. Em agosto de 1994 a UNESP o recebe sob custódia e passa a ser seu fiel depositário” (CENTRO, 08/7/2008, http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo_asmob.htm). A importância desse acervo é reconhecida por Tânia de Luca, pela variedade de dados deste corpo documental (2005, p. 119). Já os números existentes na Biblioteca Riograndense⁴, cogitamos que tenham se conservado devido a um descuido com o possível material subversivo existente em tal entidade ou com a valorização que tal instituição contava junto à comunidade.

Acrescentamos que o informativo citado é um jornal anarquista, se apresentando como um órgão da *União Geral dos Trabalhadores* até o seu 6^o exemplar (NV, 12/01/1920) e a partir do 10^o número desse informativo o encontramos como órgão da *Federação Operária*⁵, fundada dia 5 de abril de 1920 (NV, 16/9/1920, p.1). Tal passagem leva-nos acreditar que isso não passa de uma mudança de nome da mesma associação. Outro aspecto peculiar do jornal é o fato de que a partir do 23^o exemplar, foi abolido o calendário cristão, passando de 1921, no número 22 (NV, 08/5/1921), e foi adotada a data do 4^o Ano da Revolução Social, no exemplar seguinte (19/5/1921⁶), fazendo uma alusão a Revolução Russa, em caráter de marco de posição, ou seja, é a efervescência de uma esperança social na revolução e de sua inevitabilidade, que já começa a despontar.

Ainda é importante colocarmos que importantes líderes libertários escreveram para esse jornal como José Oiticica e Zenon de Almeida. Zenon merece um comentário à parte, pois, só aparece em uma matéria com esse nome, escrevendo

³ Os números disponíveis deste jornal na Centro de Documentação e Memória da Unesp são: 3, de 09/5/1919; 5, de 01/10/1919; 10, de 16/6/1920; e 32, de 27/11/1921.

⁴ Os números disponíveis deste jornal na Biblioteca Riograndense são: 5, de 01/10/1919; 6, de 12/01/1920; 12, de 16/9/1920; 13, de 24/11/1920; 14, de 05/01/1921; 18, 15/6/1921; 21, de 01/5/1921; 22, de 08/5/1921; 23, de 19/5/1921; e 24, de 01/6/1921.

⁵ Não há notícia sobre a conservação de exemplares entre o 6 e o 10 desse informativo.

⁶ Não utilizaremos 4^o Ano da Revolução Social, para facilitar a compreensão do leitor, e entendendo que se refere ao 4^o Ano após a Revolução Russa usaremos a data de 1921.

outras matérias sob o seu pseudônimo que, conforme afirma Kniestedt, era Spartacus do Sul (1990, p.114).

No conteúdo dos números disponíveis desse jornal, encontramos vários artigos referentes a informações sobre o movimento dos trabalhadores de Rio Grande, do Brasil e do Mundo. Esses textos não atenderão nosso cuidado, pois procuramos nesse informativo os processos educativos. Porém atento que isso dá uma idéia de pertencimento aos trabalhadores, de fazerem parte de um projeto universal.

Destacamos que em todos os exemplares aparecem textos que exaltam declaradamente as lutas populares e que denunciam o governo municipal ou estadual, assim como a burguesia, usando formas conotativas para tal intento. Ora compara-se o então presidente da província do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, a águia que come o fígado de Prometeu, o povo (NV, 9/5/1919, p.1), denunciando o comtismo. Ora conclama-se a “batalhar pela emancipação econômica e moral da Humanidade” (NV, 08/5/1921, p. 1). Nota-se no material um caráter erudito, usando figurativamente mitos para colocar a questão da exploração social assim como também colocam a necessidade de mudanças sociais. Essa forma ilustrada provavelmente leva aos trabalhadores a, no mínimo, uma curiosidade e reflexão frente às leituras, assim despertando uma necessidade de se apropriar também dessa erudição. Portanto vemos o caráter formativo da imprensa operária.

Outra questão que nos parece importante citar, é que conforme Edgar Rodrigues, poucos operários sabiam ler (1992, p. 48). Devido a tal fato, ocorriam leituras públicas desses jornais pelos militantes que sabiam ler, para os demais (GALLO; MORAES, 2005, p. 91). Por este motivo foi priorizado nacionalmente a implementação das escolas operárias, junto à implantação dos sindicatos e da imprensa, conforme resolução do 1^o Congresso Operário Brasileiro, de 1906 (Ibidem, p. 92).

É possível notar que a União Geral dos Trabalhadores e, posteriormente, a Federação Operária, convergem com movimento operário brasileiro, inclusive até conclamam em seus estatutos, publicado no jornal O Nosso Verbo (01/10/1919, p. 3; 16/9/1920, p. 1), como consta em seu 4^o artigo, que é objetivo da União Geral dos Trabalhadores a “manutenção de uma biblioteca e uma escola racionalista diurna e

noturna quando tal for possível” e o mesmo é colocado no 2º artigo da Federação Operária. Outra questão que a União Geral dos Trabalhadores apóia, no seu estatuto, é qualquer greve que defenda melhoramento da higiene, questão que parece vital para os anarquistas, principalmente dentro da escola, conforme podemos ver em Francisco Ferrer⁷, mentor das propostas de Escolas Racionalistas ou Modernas, que dedica um capítulo de seu livro A Escola Moderna à higiene escolar (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/7.html). Ainda referindo-se a Ferrer, no estatuto da Federação Operária, em seu 25º artigo, reconhece juntamente com o 1º de maio, o “dia 13 de outubro, dia em que caiu o corpo do companheiro Francisco Ferrer”, como dia de protesto. O nome de Francisco Ferrer é freqüentemente citado neste jornal (12/01/1920, p. 1; 19/5/1921, p. 1). Além disso, no mesmo estatuto, podemos observar no 1º artigo o comprometimento da associação em “promover o levantamento moral e intelectual dos trabalhadores” (16/9/1920, p. 1).

Porém, é possível notar-se algumas divergências com o mesmo Ferrer, pois não coloca a questão da co-educação de classes, tão defendida pelo educador espanhol (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/6.html). Contrariando tal principio, essa organização coloca que é direito dos sócios utilizar a escola, mas só quem pode ser sócio são operários assalariados (NV, 01/10/1919, p.3-4).

Percebe-se nessa fonte, um atrito com um padre, Zenon de Almeida que defendia uma das propostas educacionais anarquistas, “a instrução integral, custeando a *in totum* até os 18 anos” (NV, 01/10/1919, p. 2), que são diversas vezes reproduzidas em outros exemplares do mesmo órgão (12/01/1920, p. 2). No mesmo texto de Zenon, ele denuncia o estupro de crianças em internatos católicos.

O mesmo informativo coloca as freqüentes conferências realizadas pela UGT e, posteriormente, pela Federação Operária. No exemplar de 12 janeiro de 1920, anuncia uma conferência a ser ministrada pela tesoureira da Liga Operária de Pelotas, Amélia Gomes, em um domingo (p. 4), remetendo-nos às conferências

⁷ Francisco Ferrer é um espanhol considerado um marcante pedagogo que funda a Escola Moderna ou Racionalista, com inspiração e apoio dos anarquistas espanhóis e é se torna grande inspiração para as propostas pedagógicas anarquistas em todo mundo (CORRÊA, 1987, p. 42).

dominicais propagadas por Francisco Ferrer (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/12.html).

Também foram anunciadas nesse jornal quatro conferências, sendo uma delas ministradas por Libero Alto Mar, tratando-se sobre a inexistência de Deus; outras duas, por Tácito Ferreira, uma palestra sobre o sindicalismo e outra sobre a situação da Rússia; e uma de Cidálio Pinheiro Lemos, que foi secretário geral da União Geral dos Trabalhadores, sobre anarquismo (16/9/1920, p. 3). No número 18 do mesmo informativo encontra-se a transcrição de uma exposição, na qual fez-se freqüente acusações contra a burguesia e o Estado, denunciando a oficialidade como contadora de mentiras (19/3/1921, p. 2). É inquestionável o caráter pregador dessas palestras.

É anunciado, no número 12, a criação do Centro Internacional de Cultura Racionalista Verita. Tal centro é citado como “um punhado de moços animosos e estudiosos” que procuram retirar Rio Grande das trevas. Nesse mesmo exemplar coloca-se a importância “de tomar de iniciativas próprias mormente no campo da educação, problema mais vivo e palpitante que se faz maiormente sentir”, acrescentando que “censurar, invectivar, blasfemar contra isto ou aquilo não basta, organizar-se em sindicatos, fazer greve, proclamar mais ordenado não chega, é preciso compreender e saber”. Nesse ponto percebe-se a importância dada pelos anarquistas rio-grandinos à educação, que converge com a importância que é dada internacionalmente (16/9/1920, p. 3). Neste sentido o Centro Racionalista teve por fim “promover e difundir os modernos princípios de emancipação moral e social, é de cultivar a mais alta idealidade humana, mediante conferências histórica científica, ‘Lições instrutivas’ e ‘Leitura explicativas de desvulgarização científica e sociológica” (16/9/1920, p. 4). Para tanto o Centro Racionalista possui uma biblioteca, assim como pretende organizar uma mesa de leituras. Ainda apelaram para a “mocidade operária que mais carece de instrução e esclarecimento”. Também é interessante sublinhar que tal centro se diz isento de qualquer partido ou organização econômica, e tem por único fim a educação.

Através deste impresso podemos observar que o Centro Racionalista tem relações com outros grupos, por exemplo, com o grupo do Livre Pensamento de São Paulo (24/11/1920, p. 5) e ainda ofereciam para venda textos, incluindo o texto

“Como se deve educar”, do anarquista francês Sebastian Faure⁸. Também podemos notar que ele exige contribuição de seus sócios (19/5/1921, p. 3), o que não é condenado por vários pensadores anarquistas e da educação libertária, como Pierre Joseph Proudhon e Ferrer. Ferrer coloca claramente que:

Eu poderia ter fundado uma escola gratuita, mas uma escola para crianças pobres não pode ser uma escola racional, porque se não fossem ensinar credulidade e submissão, como nas escolas antigas, haver-se-ia necessariamente inclinado a rebelião, tinha surgido espontaneamente sentimentos de ódio.”⁹ (27/03/2005, http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/6.html).

Este mesmo informativo mostra apoio ao modelo bolchevique de educação, citando a adoção de uma educação baseada no desenvolvimento por faixa etária, adotado na Rússia. O periódico faz apologia ao conteúdo ministrado na Rússia sem “o catecismo, a história guerreira e os patrióticos” (24/11/1920, p. 5).

Ainda traz notícias de escolas operárias de outros estados. Citamos a carta de José Alves, que menciona uma série de associações operárias norte-riograndenses que mantêm escolas operárias nesta província, colocando a esperança “que daqui alguns anos, todo o ensino e secundário estarão monopolizados pelos operários” (19/3/1921, p. 4). Isso demonstra uma pretensão que provavelmente era a mesma dos anarquistas rio-grandinos. Por outro lado, será que esse monopólio seria fruto de uma leitura mais atenciosa aos ensinamentos de Ferrer no que condiz co-educação das classes?

O jornal ainda coloca uma concepção de educação, citando M. Pierrot que:

(...) é no sindicato que os operários se educam moralmente, essa educação obtêm-se pelo exemplo e contágio que do exemplo nasce, aprendem, animam-se a não curvar a frente, a não ter medo. Todos os dias as greves põem em prática a solidariedade e a revolta, e é por isso que as greves, ainda parciais e conseguindo apenas modificações imediatas, insignificantes, se nos antolham úteis e necessárias, para a educação da solidariedade e da revolta (01/5/1921, p.5).

Na mesma matéria assinada por Spartaco, pseudônimo de Zenon, conclama as trabalhadoras a aderirem ao Centro Racionalista, chamando-as a tomar exemplo das tecedeiras, na fundação de um sindicato (01/5/1921, p.5).

⁸ Esse pensador destacou-se entre outras coisas, pela experiência pedagógica em “*La Ruche*”, uma experiência ocorrida na França de 1904 a 1917 (CORRÊA, 1987, p.40-41; GALLO, 1995b, p. 127).

⁹ Livre tradução do autor.

Também demonstra o papel formativo da imprensa operária no periódico citado, a publicação de textos de anarquistas clássicos, de renome internacional como o fragmento “Desordem e Anarquia”, escrito por Piotr Kropotkin¹⁰, na qual ele fala da desordem como momento de passagem, momento revolucionário para chegar à anarquia. Além disso, discutem conceitos básicos da luta sindical como sabotagem e boicote (01/5/1921, p. 6).

No número 24 desse periódico, é publicado, na primeira página, o texto do professor José Oiticica, um notório anarquista brasileiro, professor e poeta (PRADO, 2000). No texto, que ocupa quase duas páginas, Oiticica escreveu sobre a necessidade das lutas dos trabalhadores irem além da mera questão salarial e de horas de trabalho. Oiticica atenta que houve “um núcleo libertador cujas aspirações era elevar a vida humana pelo elevamento da inteligência e do sentimento coletivo”, “erguer a multidão ignara, a besta humana rude à condição de ser pensante e sensível”. O anarquista brasileiro traz que além da penúria econômica que os trabalhadores sofrem, ainda há a penúria intelectual. Para ele, essa elevação intelectual é uma libertação, assim como podemos ver em outros anarquistas como Proudhon e Bakunin (VARGAS, 2007b, p. 90-96). Oiticica alerta quanto à questão de Auguste Comte e seus discípulos, que viam a problemática da especialização do ensino, pois queriam “o ensino integral, o desenvolvimento intelectual completo”, mas ficavam nisso. Para Oiticica a questão iria adiante, apoiado em outros autores, como Ernest Renan e José Enrique Rodó, o ensino menos especializado seria uma forma de harmonizar a existência entre os homens. O professor complementa, dizendo que os trabalhadores querem não só melhorar o salário e reduzir as horas de serviço, querem é melhorar o corpo de forma a ficarem sadios, querem altear a sua inteligência e conhecer o mundo e as leis que o regem, querem a liberdade moral, de fazer escolhas (NV, 01/6/1921, p.1-2).

Podemos ainda verificar a importância dada a educação expressada nas páginas desse informativo. Em um texto publicado neste jornal, um operário coloca: “não disponho do preparo necessário para fazer da pena uma arma de combate contra essa sociedade hipócrita”. Apesar de dizer isso, esse operário mostra no decorrer do texto alguns conhecimentos de história, citando Nero e Ferrer, além de

¹⁰ Piotr Kropotkin (1842-1917) é um anarquista russo, de origem nobre, que adere ao anarquismo. Também é um geógrafo reconhecido (CORRÊA, 1987, p. 25-26).

mostrar um vocabulário refinado e habilidade com as palavras. Todavia o importante aqui é destacar a importância dada ao conhecimento e, neste sentido, o autor do texto coloca que era “obrigado a empunhar a ferramenta produtiva na idade que devia cursar as aulas” (19/5/1921, p. 1).

Considerações Finais

Testemunhamos que o jornal O Nosso Verbo não diverge dos demais modelos de jornais operários brasileiros, caracterizando-se pela variação de periodicidade e tamanho. Mas também se caracteriza pelo caráter ideológico formativo da imprensa operária e anarquista.

Contudo, ressaltamos através desse jornal a importância dada pelos anarquistas à educação, através das freqüentes queixas sobre a ignorância que abate a classe trabalhadora rio-grandina. Assim como observamos as diversas intenções e tentativas de se criar instituições educativas nesta cidade para os trabalhadores e seus filhos com a finalidade de germinar consciência de classe.

Durante o período de circulação desse jornal, onde não foi noticiada a criação de uma escola, observamos a criação do Centro de Racionalista Veritas. Nesse centro, apesar de certa dificuldade, funcionou por algum tempo, formando os trabalhadores.

Testemunhamos no O Nosso Verbo algumas concepções dos anarquistas rio-grandinos sobre a educação. Apesar de características próprias, divergentes dos tratados de educação libertária existentes, mostram-se, em linhas gerais, afinado com o discurso internacional.

Tecemos o presente artigo o estudo nessa fonte inédita e rica para a História da Educação. Que se mostrou bastante frutífera, merecendo maior apreço por parte daqueles que estudam a História da Educação Popular e Libertária no Rio Grande do Sul. Tal jornal, se utilizado e aliado às outras fontes, ajudará na criação desse mosaico que é a História.

Fontes

Biblioteca Riograndense: Jornal: "O Nosso Verbo".

Centro de Documentação e Memória/UNESP: Jornal: "O Nosso Verbo".

Fontes Publicadas: FERRER Y GUARDIA, Francisco. **La Escuela Moderna.** Disponível em:
<http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/escuelamoderna/caratula.html>. Acessado em: 27/03/2005.

Referências Bibliográficas

BARROS, José d'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História:** da Escolha do Tema ao Quadro Teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.

CENTRO de Documentação e Memória da Unesp. **ASMOB - Archivo Storico Del Movimento Operaio Brasileiro.** Disponível em:
<http://www.cedem.unesp.br/acervos/acervo_asmob.htm>. Acessado em: 08/7/2008.

CERTAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Norma Elisabeth. **Os Libertários e a Educação no Rio Grande do Sul (1895-1926).** Dissertação (Mestrado em Educação), UFRGS, Porto Alegre: 1987.

GALLO, Silvio. **Educação Anarquista:** Um paradigma para hoje. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995a.

GALLO, Silvio. **Pedagogia do Risco:** Experiências Anarquistas em Educação. Campinas: Papirus, 1995b.

GALLO, Silvio; MORAES, José. Anarquismo e educação. In: BASTOS, Maria Helena Câmara & STEPHANOU, Maria. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil,** Vol. III: Século XX. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2005.

GALVÃO, Ana Maria; LOPES, Eliane. **História da Educação.** Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.

JARDIM, Jorge Luiz. Imprensa operária: comunicação e organização. In: **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre: PUCRS, v. 22, nº 2, p. 27-40, dez. 1996.

KNIESTEDT, Friedrich. **Memórias de um imigrante anarquista** (Editado por René Gertz). Porto Alegre: EST, 1989.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888 – 1937.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre: 1999. 2 vol.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezzi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. pp.111-153.

MARÇAL, João Batista. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2^a ed., Autêntica, Belo Horizonte: 2004.

PRADO, Antonio Arnoni. Elucubrações dramáticas do professor Oiticica. In: **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v. 14, n. 40, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03/8/2008.

RODRIGUES, Edgar. **Quem tem medo do anarquismo?** Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

SILVA JUNIOR, Adhemar Lourenço. Confederação Operária Brasileira e o Rio Grande do Sul (1913-1915). In: **Logos**. Canoas: Ulbra, v.7, n^o 1, p. 45-54. jan./jun. 1995.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e Educação: A educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 1995.

VARGAS, Francisco. Exórdio para o Estudo da Pedagogia Libertária em Rio Grande. In: **Didática Sistêmica**. Rio Grande: FURG, p.81-106, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.redisis.furg.br/edicoes/vol6/art7v6.pdf>>. Acesso em: 04/03/2008.

XERRI, Eliana Gasparini. Uma Incursão às Fontes do Movimento Operário de Rio Grande no Início do Século XX. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n.º 2, p.91-110, dez. 1996.